



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS**

KELTON CARNEIRO BEZERRA

O EXERCÍCIO DA DOR DE AMAR EM FLORBELA ESPANCA

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

KELTON CARNEIRO BEZERRA

O EXERCÍCIO DA DOR DE AMAR EM FLORBELA ESPANCA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Letras - Português.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva

.

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B574e Bezerra, Kelton Carneiro.
O exercício da dor de amar em Flôbela Espanca
[manuscrito] / Kelton Carneiro Bezerra. - 2018.
26 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."
1. Análise literária. 2. Literatura portuguesa. 3. Soneto. 4.
Amor. I. Título
21. ed. CDD 801.95

KELTON CARNEIRO BEZERRA

O EXERCÍCIO DA DOR DE AMAR EM FLORBELA ESPANCA

Artigo apresentado ao Departamento de Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de licenciado em Letras - Português.

Área de concentração: Literatura.

Aprovado em: 27/11/2018.

BANCA EXAMINADORA

Marcelo Medeiros da Silva

Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Jacklaine de Almeida Silva

Prof.ª Dra. Jacklaine de Almeida Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Marcelle Ventura Carvalho

Prof.ª Ma. Marcelle Ventura Carvalho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a Deus,
Que por ser Amor, vive a dor!

AGRADECIMENTOS

Ao meu amigo, colega de curso, orientador e Professor Dr. Marcelo Medeiros da Silva, pelo incentivo, mentoria, paciência e insistência em que eu concluísse este curso.

Aos colegas que direta e indiretamente me estimularam a chegar até aqui, em especial: Alcinete, Kleber, Abdias, Daniel e Fábio.

Aos meus pais e irmãos, por toda luta empreendida em realizar este sonho.

À minha amada esposa Ana Carla e a nossos filhos: Lucas, André e Miguel, pela paciência, compreensão, estímulo e dedicação.

Aos professores do Curso de Letras da UEPB, que contribuíram ao longo do tempo, por meio das disciplinas e debates, para minha formação.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

“Ah o amor...que nasce não sei onde,
vem não sei como, e dói não sei porquê”

Luís de Camões

SUMÁRIO

1 - Introdução.....	10
2 - Do amor e da dor: considerações psicanalíticas sobre amar e sofrer.....	13
3 - Buquê de dores: a dor de amar na lírica de Florbela Espanca.....	16
4 - Conclusões.....	23
5 - Referências.....	27

O EXERCÍCIO DA DOR DE AMAR EM FLORBELA ESPANCA

Kelton Carneiro Bezerra*

RESUMO

Florbela Espanca, em sua breve vida, teve uma trajetória marcada por grandes perdas e intensas dores que influenciaram não apenas sua identidade, mas também a sua lírica. Tais constatações nos levam a analisar os impactos dessas experiências no “eu-poético”, e suas materializações nas obras que as retratam, tentando entender o porquê de tantas dores recorrentes, chegando a se tornarem um exercício, um repetir cotidiano. Para tanto, analisaremos alguns dos sonetos, desta que foi considerada a mais importante figura feminina da literatura portuguesa, a fim de deslindarmos “a confissão de um sujeito feminino atordoado pelo amor-paixão”. Para subsidiarmos a leitura que faremos, além do que já está consolidado na historiografia literária portuguesa acerca da poetisa, vamos recorrer às contribuições de Caruso (1989) e de Nasio (1997) que nos auxiliarão na leitura psicanalítica que propomos fazer da lírica de Florbela Espanca, tentando entender o exercício da dor de amar na poética daquela que se autodenominou de “A castelã da tristeza”.

Palavras-Chave: Amor. Dor Psíquica. Florbela Espanca.

* Aluno de Graduação em Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: grafep@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Florbela, em seus breves trinta e seis anos de vida, viveu, de forma plena, intensas dores. O seu nascimento em Vila Viçosa no dia 08 de dezembro de 1894, Alentejo, é “fruto” da esterilidade da Sra. Mariana do Carmo Inglesa Toscano, que permite seu esposo, João Maria Espanca, envolver-se com a criada de servir, Antónia da Conceição Lobo. Em meio a uma sociedade conservadora, vivendo num lar fora dos padrões, a futura poeta da dor irrompe no seu tempo, quando, de forma precoce, entre os sete e quatorze anos de idade, já produzindo poemas e contos dedicados às pessoas mais amadas, começa a assinar suas obras não como Flor Bela Lobo, nome de batismo, mas como Florbela d’Alma da Conceição Espanca. Recusa-se ser filha de pai incógnito, por consequência, de ser “bastarda”.

Desde então, viveria o exercício contínuo da dor, seja na perda prematura de sua mãe, aos 29 anos de idade, vítima de nevrose, em 1908. Na infelicidade de seu primeiro casamento com Alberto de Jesus Silva Moutinho, quando sofre o primeiro aborto involuntário, minando sua fraca saúde física e mental, levando-a a um quadro de neurose em 1918, e, conseqüentemente, a um divórcio, que promoveria sua rejeição diante daquela sociedade salazarista e religiosa, a mesma que seria palco e alvo de sua primeira obra, o Livro de Mágoas, em 1919. O segundo aborto involuntário, em 1923 - fruto de seu segundo casamento, com o alferes Marques Guimarães – instala uma crise que culminou no seu afastamento do marido e no pedido por parte deste do divórcio em 1924. Tal situação, a abalou sobremodo, devido aos padrões da época, até porque sua família, por tais acontecimentos, cortaria comunicações durante dois anos. A morte de sua “madrasta” e madrinha em 1925 e finalmente, a perda abrupta da pessoa que mais amava, seu irmão, Apeles Espanca, em um acidente trágico, ao pilotar um hidroavião no rio Tejo, aos 30 anos de idade, em 1927, potencializa o sofrimento da poetisa que já estava de corpo e alma macerados pela dor.

Todas essas dores, num percurso de 33 anos de vida, marcaram profundamente Florbela: “verdadeira insaciável...usava estupefacientes sobre estupefacientes, narcóticos sobre narcóticos” (DAL FARRA,2002, p.16), sem falar na sua dependência do tranquilizante veronal, receitado pelo seu terceiro marido, o médico Mário Pereira Lage, tentando combater o profundo quadro de depressão que tomava conta da poetisa.

Infelizmente, depois de descobrir que estava com edema pulmonar, a poetisa desiste de viver. Na terceira tentativa consecutiva de suicídio, ela, a Flor - “Espancada”, põe fim a sua vida no dia de seu trigésimo sexto aniversário, tomando uma overdose do remédio, que ironicamente, deveria dar-lhe estabilidade, o veronal.

Tais constatações nos levam a analisar os impactos dessas experiências no “eu-poético”, e suas materializações nas obras que retratam o porquê de tantas dores recorrentes, chegando a se tornarem um exercício, um repetir cotidiano. Seus poemas publicados em vida: Livro de Mágoas (1919) e Livro de Soror Saudade (1926) trazem à tona temas como: a solidão, a feminilidade, o erotismo, o desencanto, o sofrimento, mas tudo isso derivado do “arquitema”, incessante tratado: o amor.

Neste sentido, este trabalho, tem como eixo de abordagem: o exercício da dor de amar na lírica de Florbela Espanca. Para tanto, analisaremos os sonetos: “Saudades”, “Prince Charmant”, “Fanatismo”, “Loucura” e “A morte”, desta que foi considerada a mais importante figura feminina da literatura portuguesa, a fim de deslindarmos “a confissão de um sujeito feminino atordoado pelo amor-paixão”, já que a obra da poetisa por ser vista como:

[...] uma bíblia da iniciação amorosa feminina, uma espécie de demanda do amor, um dicionário das vicissitudes sentimentais da mulher[...] Amor que, do princípio ao cabo, está cativo de uma rima eterna e imóvel: a dor (DAL FARRA, 1995 p. 45)

Assim, procuramos, cientes de seu lugar nas letras portuguesas, fortemente marcada pelos traços da poesia simbolista-decadentista, contudo, de lirismo de viés romântico, nos servir do esteio de uma arte individualizada e subjetivista, centrada no “Eu”:

O “eu” torna-se-lhes o universo em que vivem, ou, ao menos, o centro do Universo: o romântico autocontempla-se narcisisticamente, e faz-se espetáculo de si próprio. (...) O homem volta a sentir-se a medida de todas as coisas, mas agora com nova intensidade e novos conteúdos trazidos pelas artes e as filosofias em voga. (MOISÉS, 2012, p.142)

Para subsidiarmos a leitura que faremos de alguns poemas de Florbela Espanca, além do que já está consolidado na historiografia literária portuguesa acerca da poetisa, vamos recorrer às contribuições de Caruso (1989) e de Nasio

(1997) que nos subsidiarão na leitura psicanalítica que propomos fazer da lírica de Florbela Espanca.

Cientes de que o amor é a fonte geradora da poesia Florbeliana e, assim, conforme Coelho (1994.p.125), transforma suas sensações e percepções de mundo em imagens que transmitem essas sensações; torna-se necessário e indispensável à crítica literária, suas indagações, observações; podendo citar Dal Farra, quando organiza o mundo imagético Florbeliano em dois princípios: o de realidade e o de prazer, que em choque, sacramentam a queda do “sonho” e, por conseguinte, apresentam a dura realidade da dor:

A dor que nasce, portanto, da impossibilidade de conciliação destes dois princípios, incapacidade genuinamente feminina, na medida em que resulta da ascendência do sentimento sobre a razão, incapacidade que, aliás, é da mesma natureza do estado amoroso. Assim, além da dor, também o amor é domínio privilegiado da mulher...O alvo almejado e tantas vezes acalentado pela sua poesia é a fusão amorosa, é o um estar no outro e vice-versa...transforma-se o amador na coisa amada...Mas antes que ela aí mergulhe e se integre no outro, a vontade de amor a encaminha para um processo conturbado de auto reconhecimento. Uma expressiva porção de poesia é atravessada por pungentes apelos para que lhe respondam “quem sou eu”, ao mesmo tempo em que se representa reflexo, sombra, prolongamento, sonho de Alguém. Esse Alguém é sempre o homem amado, aquele que tem poder de metamorfoseá-la (DAL FARRA, 1995, p.40-41)

Posta a verdade do sonho despedaçado, do desespero, da angústia alucinante que tira da vida seu sabor e da imanência da dor, propomo-nos estudar o exercício da dor de amar na lírica de Florbela Espanca.

Para tanto, começaremos a primeira parte deste artigo definido o “binômio” amor/dor através das leituras e respectivos diálogos entre o campo psicológico e literário, buscando um entendimento alicerçado do amor que perde - pela ausência – o sentido pois está separado e sufocado pela dor.

Na segunda parte, analisaremos na lírica Florbeliana - em alguns de seus sonetos – o desenrolar dessa “equação” amar é correlato de sofrer, que a partir das reflexões obtidas anteriormente, nos capacitarão a entender esse exercício incessante cristalizado no íntimo da Flor poeta.

A terceira e última parte, apresentará as considerações finais, mostrando a relevância deste tema interdisciplinar, antigo e ao mesmo tempo atual, que nos projeta, ao mesmo tempo, para dentro e para fora.

2. DO AMOR E DA DOR: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE AMAR E SOFRER

Florbela escreveu contos, um diário e epístolas; traduziu, em sua maioria, do francês para o português, vários romances e colaborou, na sua breve vida, em revistas e jornais, mas, antes de tudo, era uma poetisa. A sua poesia, na grande maioria, em forma de soneto petrarquiano de verso decassílabo heroico, garantiu-lhe o reconhecimento ao abordar principalmente o amor e conseqüentemente o desejo, a saudade, a sedução, a tristeza, morte e, em especial, a dor.

Contemporânea das vanguardas portuguesas – Orpheu / Presença – herdeira do romantismo e do simbolismo-decadentismo, não se posiciona, especificamente, em nenhuma escola, mas em si mesma. Dona de um estilo único, marcado de profundo intimismo, desenvolve o tema “amor” em busca do qual há o desejo pelo autoconhecimento e da própria identidade:

A sua identidade está disponível, é ainda um lugar vago, é somente uma candidatura. Ela padece do feitiço da nomeação...Florbela reatualiza poeticamente, desta maneira, uma verdade histórica da mulher: como anexo ou apêndice social do homem, ela não tem identidade. Trata-se de um ritual tardio dentro do universo feminino: o da cerimônia inicial do batismo. A este ritual se adere também a passagem por um mito que tem raízes lendárias: o da espera do *Príncipe Encantado*, que virá para despertá-la de um sono mágico ou de uma imobilização feitiçeira e, por decorrência salvá-la. (DAL FARRA, 1995, p.42)

Essa expedição para encontrar-se, remete à autocontemplação romântico-narcisista, que, de acordo com Carvalho (1997, p.89): “Enquanto não se metamorfoseia em flor, Narciso agoniza numa luta interior, com a sua consciência, tentando em vão desapossar-se de si ao mesmo tempo em que tenta abraçar-se, sonhando a união com o seu reflexo, seu outro-Eu (ideal) ...”. Toda essa busca, de si mesma, objetiva encontrar o amor e encontrá-lo é achar-se. E nessa fusão amorosa,

o mundo imagético da poetisa se consolida, o amor se estabelece, pleno em toda a sua extensão:

Uma intensificação do narcisismo primitivo torna-se desfavorável à estruturação do amor objetivado regular e acompanhado de superestimação sexual. Sobretudo nas mulheres belas nasce uma complacência delas para consigo mesmas, que as compensa das restrições impostas pela sociedade à sua escolha de objeto. Tais mulheres só amam, na realidade, a si mesmas e com a mesma intensidade com que o homem as amam. Não necessitam amar e sim ser amadas, e aceitam o homem que preenche esta condição” (FREUD apud NASIO, 1997, p.87)

Assim, a busca de Florbela, pelo amor, para ser amada, não remete a uma entidade comum, identificada, real, com uma imagem estabelecida. Mas, a um ser idealizado, construído com todas as nuances que ela tanto deseja. A necessidade de ser amada, reflete-se, então, no “Príncipe Encantado”, ou como, como a própria poetisa, diz, o príncipe *charmant* agente libertador, portador de sua plena realização. Logo, é indispensável encontrar o objeto de desejo, para justificar sua própria essência.

É nesse momento, em que o objeto de desejo é buscado, de forma contínua e constante, que se estabelece a “dor afetiva”. Tentando entender essa dor na lírica Florbeliana, utilizaremos a psicanálise - ciência criada por Sigmund Freud (1856-1939) - como lente de significação, já que ela se propõe a estudar a mente/alma humana. Para tanto, nos basearemos nas obras de Násio e Caruso, no que concerne o tema da “Dor de Amar” e da “Separação dos amantes”.

Estas duas obras, nos revelam que essa dor ocorre quando o mundo idealizado entra em choque com a realidade e o ser amado(r) “some”, não ficando resquícios, se não, na memória daquele que o ama, estabelecendo-se, então, o luto. Para Caruso (1989, p.11-12) “Uma das mais dolorosas experiências na vida humana – e talvez a mais dolorosa – é a separação definitiva daqueles a quem se ama”. À luz da psicanálise, ele se empenha a estudar a separação como “eclosão da morte psíquica na vida dos seres humanos”

Neste aspecto, a dor de amar, não se apresenta, sintomaticamente, no físico, já que esta dor se perceberia como uma lesão e uma dor externa; mas sim na alma, na psiquê. Nasio (1997), por sua vez, estuda a origem psíquica do distúrbio

doloroso, mais precisamente do fator psíquico que intervém na gênese de toda dor, que, de acordo com ele, é uma reação afetiva a uma perda brutal ou violenta. Podemos confirmar isso quando ele afirma “ [...] a separação de um objeto que, deixando-nos súbita e definitivamente, nos transtorna e nos obriga a reconstruir-nos” (NASIO, 2007, p. 20).

A tentativa de manter o mundo idealizado de pé e a luta por preservar o ente amado(r) “vivo” estabelece o exercício dessa dor cotidiana de reconstruir-se, psicologicamente falando. Nasio afirma que “quando uma dor aparece, [...], estamos atravessando um limiar” (1997, p.18). Por isso, “a dor é um afeto que reflete na consciência as variações externas da tensão inconsciente, variações que escapam ao princípio de prazer” (1997, p. 21).

Logo, o prazer que remete à felicidade é substituído por dor. Esta, segundo Nasio (1997, p.21), pode ser compreendida como:

Um sentimento vivido é, segundo pensamos, a manifestação consciente do movimento ritmado das pulsões. Todos os nossos sentimentos exprimem na consciência as variações de intensidade das tensões inconscientes. Postulo que a dor manifesta não oscilações regulares da tensão, mas um enlouquecimento da cadência pulsional. Mas por que caminhos as pulsões se tornam sentimentos vividos? O eu consegue perceber no fundo de si mesmo – no seio do Isso – e com uma extraordinária acuidade, as variações das pulsões internas, para repercuti-las na superfície da consciência sob forma de afetos. Assim, o eu é realmente um intérprete capaz de ler no interior a língua das pulsões e traduzi-las no exterior em língua de sentimentos...Quando essas modulações são moderadas, elas se tornam conscientes como sentimentos de prazer e desprazer; e quando elas são extremas, tornam-se dor. (NASIO, 1997, p.21)

Essa manifestação de pulsões extremas que se manifestam no “eu: que sofre; que observa; que sente e no eu que reage” (NASIO, 1997, p.26), confirma que a dor de amar foi um constante exercício para Florbela Espanca e que tal exercício consubstancia-se em toda sua lírica de maneira que ela é a escrita dessa dor ou expressão do axioma segundo o qual “quanto mais se ama, mais se sofre” (NASIO, 1997, p.26). Logo, essa dor traumática é uma dor produzida quando o eu se defende da perda de um objeto que, psiquicamente, lhe é muito caro em um movimento por reencontrar-se após o desequilíbrio psíquico provocado por tal perda. O desarranjo emocional advindo da perda do objeto psíquico é tamanho que o esforço despendido

pelo ser que sofre, muitas vezes, se “concentra na representação psíquica do amado perdido”:

A partir de então, o eu fica inteiramente ocupado em manter viva a imagem mental do desaparecido. Como se ele se obstinasse em querer compensar a ausência real do outro perdido, magnificando a sua imagem. O eu se confunde então quase totalmente com essa imagem soberana, e só vive amando, e por veze odiando a efígie de um outro desaparecido. (NASIO, 1997, p.28)

Assim sendo, a dor de amar põe-se como limite entre a loucura e a morte, o eu reage esgotando-se para encher-se do outro, do ser amado que de acordo com Caruso (1989, p.25) se consolida na “catástrofe do Ego, a perda da identidade”. Ou, tornando-se numa alucinação fantasmática denominada clinicamente como “o membro fantasma” – que, de acordo com Násio (1997), ocorre quando há “um superinvestimento tão desproporcional da imagem desse objeto perdido que esta acaba sendo ejetada para fora do eu”, porém “a sua expulsão deixa no psiquismo um buraco aspirante por onde se escoa a energia do eu até o esvaziamento.” (1997, p.32). O eu-poético vai diluindo-se na necessidade do outro, negando-lhe o luto, parte comum do processo “curativo”.

Florbela, narcisista que era, buscava a perfeição do amor, como não encontraria este ideal em um único homem de carne e osso, buscou-o dentro de si mesma, como procuraremos mostrar na próxima seção.

3. BUQUÊ DE DORES: A DOR DE AMAR NA LÍRICA DE FLORBELA ESPANCA

A lírica Florbeliana, assim como num grande buquê, tem, como destaque, sua rosa vermelha, a mais bonita, representando o amor; conseqüentemente todas as outras rosas e violetas, de cores pálidas, cinzentas, tristes e fúnebres, advém e se desdobram dela, como se fossem variações da rosa vermelha e do sofrimento que ela representa. Isso remete à sua herança literária, que nos evidenciam três características: saudosismo, narcisismo e, conseqüentemente, a dor. Poeta, escritora, mestra no uso das palavras, nos impressiona anunciando o “Amor” como “representação psíquica do ser amado” (NASIO,1997, p.26), e não como um substantivo masculino, nem como sentimento; antes apresenta-o como o próprio “Ser” chamado Amor e, maravilhosamente, fala com ele.

Observemos:

SAUDADES

*Saudades! Sim.. talvez.. e por que não?...
Se o sonho foi tão alto e forte
Que pensara vê-lo até à morte
Deslumbrar-me de luz o coração!*

*Esquecer! Para quê?... Ah, como é vão!
Que tudo isso, Amor, nos não importe.
Se ele deixou beleza que conforto
Deve-nos ser sagrado como o pão.*

*Quantas vezes, Amor, já te esqueci,
Para mais doidamente me lembrar
Mais decididamente me lembrar de ti!*

*E quem dera que fosse sempre assim:
Quanto menos quisesse recordar
Mais saudade andasse presa a mim!
(Espanca, 2014, p.79)*

O caráter saudosista, de sua lírica, apresentado no título, mostra-nos essa ruptura, o trauma. E diante de tal situação, obrigatoriamente, o “eu-poético”, presente e real, sente-se impelido para o passado, o qual será evidenciado e reforçado pelo jogo de antíteses: presença e ausência; o passado alegre e o presente triste; sonho e realidade; esquecer e lembrar. Essas antíteses auxiliam na prefiguração do amor que o eu-poético sentiu e ainda sente, porque não consegue esquecê-lo.

Na primeira estrofe, o amor é representado por um sonho iluminado, elevado e forte, que deveria existir, sendo limitado apenas pela morte; mas que na realidade, já não existe; provocando um choque entre o mundo real e o mundo imaginário, unidos pelas lembranças. A voz lírica personifica, na segunda estrofe, o “Amor” usando a letra maiúscula e explica que não é capaz esquecê-lo, pois é sagrado e sua beleza “santa” conforta, mostrando a dependência emocional do eu-poético.

Na terceira estrofe, o eu-poético reforça a antítese entre as palavras usando o verbo esquecer como trampolim para lembrar, de forma decidida e louca. Era proposital, e por isso, a antítese se repete.

A última estrofe do soneto, reforçando a ideia de que não é possível esquecer o amor “perfeito” - mesmo que seja no tempo verbal – Ele deveria ser mantido,

resgatado a todo custo, mesmo que fosse pela saudade. O amor personificado nos íntimos sonhos da poeta, agora ganha corpo nas suas palavras.

A intensa dor psíquica, decorrente do trauma da separação, começa a ser combatida a partir dessa projeção da imagem soberana que magnifica o ser amado. Esse ser perfeito remete à mentalidade narcisista da poetisa, que precisava de uma existência também perfeita, ser amada, muito mais do que amar, o que a faria tão real quanto o ser amado. Florbela Espanca não se contentava em amar um simples homem. Como uma Princesa, presa em sua torre de sonhos, dores e tristezas, ela precisava d'O Príncipe Encantado. Vejamos:

PRINCE CHARMANT

*No lânguido esmaecer das amorosas
Tardes que morrem voluptuosamente
Procurei-O no meio de toda a gente.
Procurei-O em horas silenciosas*

*Das noites da minh'alma tenebrosas!
Boca sangrando beijos, flor que sente...
Olhos postos num sonho, humildemente...
Mãos cheias de violetas e de rosas...*

*E nunca O encontrei!... Prince Charmant
Como audaz cavaleiro em velhas lendas
Virá, talvez, nas névoas da manhã!*

*Ah! Toda a nossa vida anda a quimera
Tecendo em frágeis dedos frágeis rendas...
- Nunca se encontra Aquele que se espera!...
(Espanca, 2014, p.72)*

Florbela Espanca, olhando para trás, procura, na primeira estrofe, “O” amado, no passar das tardes de dias repletos de paixão, ela queria alguém definido e de porte maiúsculo, mesmo envolta por muitos, sua busca é silenciosa, nas várias vozes, não encontra o outro do seu afeto, o seu eleito.

Na segunda estrofe, ou eu-poético Florbeliano tem um estranhamento, sua alma passa por “noites tenebrosas”, o amor-paixão a faz enfermar, “Boca sangrando beijos”. A “Flor sente”; sexualidade aflorada, precisava do amado(r). Por isso, mesmo consciente do sonho, se adornada com as flores que segura, está pronta a entregar-se completamente. Sua vida só tem sentido, assim como as flores, ao ser entregue a quem de destino.

Na terceira estrofe, ela nomeia seu Príncipe Charmant, “nunca...encontrado”, suscitando, talvez, suas últimas esperanças, invocando-o: “cavaleiro corajoso” que passadas tardes e noites, “talvez” viesse num “amanhã lendário”.

A quarta estrofe, apresenta as influências do monstro mítico que a aprisionava “no mundo real”, o monstro ilusão revela-se, acabando com qualquer esperança de não mais encontrar “O” Príncipe, mas “Aquele”, sujeito de quem se fala, se aponta, que está geograficamente afastado. Mostrando assim seu caráter idealizado e inalcançável, tal fato coloca Florbela como uma “cidadã do aquém” (MADUREIRA apud DAL FARRA, 1995, p.40)

Todo esse exercício, de buscar o ser amado e estar separado dele promove a dor de amar, que, de acordo com Nasio, é a dor de reagir a essa separação. Ele afirma: “O que dói não é perder o ser amado, mas continuar a amá-lo mais que nunca, mesmo sabendo-o irremediavelmente perdido.” (NASIO,1997, p.30).

Nesse constante superinvestimento da projeção do ser amado, ele acaba sendo ejetado para fora do eu, consumando-se no fenômeno do “amado fantasma” (NASIO,1997, p.32). Nesse ponto, Florbela, a partir de sua escrita, projeta não mais um príncipe, mas um “Deus”. Sua necessidade exige uma intervenção que vai além da ajuda humana, vai além do agir maravilhoso do heroico príncipe encantado. Ela precisa do Todo-Poderoso que a redima completamente, dê sentido a sua vida, na verdade, seja sua vida.

A poetisa começa um processo de desconstrução do seu eu, para que o ser amado exista, tornando-se mais real do que ela mesma; aumentando a dor que se torna a expressão também de um esforço de defesa, mais do que a simples manifestação de uma agressão. Ela carece do outro para ser, existir e assim estar plena. Diante da impossibilidade disso é que seu desejo é visto como uma ação fanática:

FANATISMO

*Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida.
Meus olhos andam cegos de te ver.
Não és sequer razão do meu viver
Pois que tu és já toda a minha vida!*

*Não vejo nada assim enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
No mist'rioso livro do teu ser
A mesma história tantas vezes lida!...*

*"Tudo no mundo é frágil, tudo passa...
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!"*

*E, olhos postos em ti, digo de rastros:
"Ah! podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: princípio e fim!..."
(Espanca, 2014, p.60)*

Neste poema, o eu-poético mostra o eleito, antes de tudo, como uma "fantasia que a habita" é "Ele quem regula a intensidade do seu desejo e a sua estrutura" (NASIO, 1997, p.48). O título mostra sua paixão "esquizofrênica", completamente obsessiva pelo ser amado tanto que ele é alçado à condição de Deus, de princípio e fim.

A primeira estrofe apresenta a mutilação do ser poético que, desfragmentando-se, é só alma; dominada e cheia do outro. O eu-poético está envolto em sonhos contínuos que anulam seu físico, pois seus olhos não veem nada além do ser amado.

Conectada a essa ideia, a segunda estrofe apresenta uma louca cega, repetidamente ocupada em decifrar, significar o ser personificado, o Amor. A terceira estrofe mostra a antítese entre o passageiro "tudo no mundo, inclusive ela" e o eterno "O Amor". Porém, a voz divina ressoa dentro dela. Seu ego entra em crise.

Chegando na quarta estrofe, o eu-poético, hipnotizada pelo ser Amor, não se preocupa com sua efemeridade, nem do mundo em que vive, antes se esconde na fé de existir no ser amado.

Esse exercício de reagir à perda, ou seja, essa dor de amar, consequentemente produz o sentimento do "nunca mais" (CARUSO, 1989, p. 51), considerado uma das sensações mais terríveis, dor mais atroz que o ser humano pode sofrer. Nessa linha, a incansável busca do ser amado e seus simultâneos fracassos revelam a violência da dor que conduz o eu-poético em grande parte da lírica de Florbela Espanca:

LOUCURA

*Tudo cai! Tudo tomba! Derrocada
Pavorosa! Não sei onde era dantes.
Meu solar, meus palácios, meus mirantes!
Não sei de nada, Deus, não sei de nada!...*

*Passa em tropel febril a cavalgada
Das paixões e loucuras triunfantes!
Rasgam-se as sedas, quebram-se os diamantes!
Não tenho nada, Deus, não tenho nada!...*

*Pesadelos de insônia, ébrios de anseio!
Loucura a esboçar-se, a enegrecer
Cada vez mais as trevas do meu seio!*

*Ó pavoroso mal de ser sozinha!
Ó pavoroso e atroz mal de trazer
Tantas almas a rir dentro da minha!
(Espanca, 2014, p.182)*

Esse soneto expressa a crise do sujeito, “a catástrofe do ego” (CARUSO, 1989, p.25), evidenciada pela contínua busca de identidade por parte o eu-poético. Pode, também, ser considerado o ponto culminante desse processo, pois mostra a perda de referência. A “loucura” no interior do eu-poético.

A primeira estrofe evidencia tal fato quando apresenta o desmoronamento do mundo imagético: “Tudo cai! Tudo tomba! Derrocada”. A perda da referência do passado: “Pavorosa! Não sei onde era dantes”. Na verdade, o eu-poético se perde e consigo tudo que era, sabia e tinha: “Meu solar, meus palácios, meus mirantes”. Esses versos fortes dão o tom do poema, anunciando a ausência de estabilidade do ser que “nada sabe”.

Na sequência, a segunda estrofe apresenta o niilismo do sujeito lírico diante de tamanha dor e destruição, mesmo testemunhando a evolução da comitiva da Paixão que “Passa em tropel febril a cavalgada / Das paixões e loucuras triunfantes!”, acompanha a destruição dos seus valores mais preciosos: “Rasgam-se as sedas, quebram-se os diamantes!”. Provando que tudo é finito e vão. Essa consciência niilista, novamente saca da antítese ao dialogar com Deus, em meio a súplicas: “Não sei de nada, Deus, não sei de nada!... / Não tenho nada, Deus, não tenho nada!...”

Tal situação demonstra um “estado de dor extrema, mistura de esvaziamento do eu e de contração em uma imagem-lembrança, e é a expressão de uma defesa, de um estremecimento de vida”. Cientes que “essa dor é a última muralha contra a loucura” (NASIO, 1997, p.12), cientes dessa realidade, observamos no primeiro terceto a existência de um reforço à perturbadora condição do sujeito anunciada

pelo título e revelada ao longo do poema: “Pesadelos de insônia, ébrios de anseio! / Loucura a esboçar-se, a enegrecer / Cada vez mais as trevas do meu seio! ”.

A dor de amar, neste aspecto, tem um propósito conservador da vida, diferente da loucura que leva à morte. Na última estrofe, o paradoxo é expresso no momento em que o eu-poético sofre a dor, a infelicidade de estar sozinha, mas, ao mesmo tempo, a dor de estar completamente povoada de memórias alegres que denunciam o conflito da autoafirmação, resultante na despersonalização, na total ausência de unidade do ser: “Ó pavoroso mal de ser sozinha! / Ó pavoroso e atroz mal de trazer / Tantas almas a rir dentro da minha!” .

Por fim, o eu colapsado se rende; o amor, a constante busca por ele e toda a dor gerada por essa ação não curam o eu-poético. Esse, não aceita o luto, antes, loucamente se lança nos braços da morte.

À MORTE

*Morte, minha Senhora Dona Morte,
Tão bom que deve ser o teu abraço!
Lânguido e doce como um doce laço
E como uma raiz, sereno e forte.*

*Não há mal que não sare ou não conforte
Tua mão que nos guia passo a passo,
Em ti, dentro de ti, no teu regaço
Não há triste destino nem má sorte.*

*Dona Morte dos dedos de veludo,
Fecha-me os olhos que já viram tudo!
Prende-me as asas que voaram tanto!*

*Vim da Moirama, sou filha de rei,
Má fada me encantou e aqui fiquei
À tua espera... quebra-me o encanto!
(Espanca, 2014, p.184)*

Ironicamente, Florbela personifica a Morte e recorre à sua “pessoa”, pois a vida lhe foi cruel. Romanticamente, ela atribui virtudes àquela que é sua “Senhora”, dona de “Tão Bom...abraço/ Lânguido e doce / sereno e forte”, tal ironia reflete a consciência de que a morte não poderia ser pior do que a vida, na verdade, “a vida era a infernal inimiga” (DAL FARRA, 1995, p.39).

Continua, no segundo quarteto, convencida, elogiando sua capacidade curativa, já que na vida enfermou, na morte seria “curada”; mais ainda, seria

“guiada”, “guardada” de tudo que tão violentamente a machucava, da dor lancinante que a fez enlouquecer. Nela, estaria livre da “ má sorte/ de um novo triste destino”.

Ela clama por sua intervenção doce e serena, comparando seu toque macio ao “veludo”. Nada seria tão bom quanto parar. Chega de “ver e voar”! Tais experiências vividas só reforçam o seu desgosto, pois, mesmo vendo tudo e podendo voar, nada encontrou além de sofrimento.

A última estrofe deste soneto é reveladora: Florbela se diz “estrangeira da vida”: “Moirama”, como não poderia deixar de ser, seu narcisismo a põe como “filha de rei” “amaldiçoada” por um ser mítico: “fada”. A vida para seu eu-poético era uma “maldição/prisão” da qual só a morte poderia livrá-la.

4. CONCLUSÕES

O exercício da dor de amar em Florbela Espanca, nasce com ela. Uma vida, literariamente, traspassada pela dor de perder quem mais se ama. Essas experiências influenciaram diretamente sua lírica, absurdamente apaixonada, buscando de todas as formas encontrar no ser amado a si mesma. Foi nessa busca, pelas lentes da psicanálise, que podemos entender, na sua profusa obra, a dor psíquica gerada pela reação de manter o ser amado “vivo”, inicialmente dentro de si e depois projetando-o para fora.

Seus poemas “quase perfeitos” nos apresentaram esses amores idealizados, construídos com as virtudes e qualidades mais excelentes, para não dizer divinas. No entanto, inalcançáveis, já que não existem, na forma dimensionada e idealizada como o eu-poético os construiu, e, por isso, promotores de tanto sofrimento, que, no seu caso, irrompeu na loucura, por não aceitar o luto/separação do ser amado.

Florbela, deliberadamente, não aceita substitutos que mereçam amá-la; por isso ela sofre, mesmo andando entre muitos, ela criou uma onipresença psíquica, um deus, que absorveu toda sua vida ao ponto de esgotá-la. Instalando-se o luto patológico’.

De fato, Florbela não conseguia amar outro, toda sua energia psíquica estava canalizada no seu objeto de desejo, sendo assim, a dor que devia curá-la, torna-se o veneno que viria corroer e dilacerar seu ser. Todo o desprazer, instabilidade e carência funcionaram como força perturbadora, produzindo apenas dor.

O fato de não haver “outro” eleito que estabilizasse sua carência, tornou a dor insuportável, revelando-se na inconsistência psíquica de pulsões descontroladas pela falta do ser amado. Sendo assim, Florbela Espanca, renuncia a vida, renuncia a si mesma, mas nunca o ser amado. Ela, a Flor Bela Espanca(da), nasce, vive e morre no exercício da dor de amar.

THE EXERCISE OF THE PAIN OF LOVE IN FLORBELA ESPANCA

Kelton Carneiro Bezerra*

ABSTRACT

Florbela Espanca, in her brief life, had a trajectory marked by great losses and intense pains that influenced not only her identity, but also her lyricism. These findings lead us to analyze the impacts of these experiences on the "poetic", and their materializations in the works that portray them, trying to understand why so many recurring pains, becoming an exercise, an everyday repetition. To do so, we will analyze some of the sonnets, which was considered the most important female figure in Portuguese literature, in order to unravel "the confession of a female subject stunned by love-passion." To support the reading we will make, besides what is already consolidated in the Portuguese literary historiography about the poet, we will use the contributions of Caruso (1989) and Nasio (1997) that will help us in the psychoanalytic reading that we propose to make of the lyrics of Florbela Espanca, trying to understand the exercise of the pain of loving in the poetics of the one that called itself "The castle of sadness".

Keywords: Love. Psychic Pain. Florbela Espanca.

* Graduate Student in Letters - Portuguese of the State University of Paraíba - Campus I.
e-mail: grafep@gmail.com

REFERÊNCIAS

MOISÉS, Massaud. **A criação literária poesia e prosa**. São Paulo: Cultrix, 2012.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. - 33ª ed. rev. e ampl.- São Paulo: Cultrix, 2012.

DAL FARRA, Maria Lúcia. O amor na poesia de Florbela Espanca. In: PAIVA, José Rodrigues de (Org). **Estudos sobre Florbela Espanca**. Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, 1995.

DAL FARRA, Maria Lúcia (org.). **Afinado desconcerto** – contos, cartas, diário de Florbela Espanca. São Paulo: Iluminuras, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagem**: a obra literária e a expressão linguística. 5ª ed. Reformulada. Petrópolis: Vozes, 1994.

CARVALHO, Adília Martins. **“Reflexos Narcísicos em Florbela”**, A Planície e o Abismo. Lisboa: Vega e Universidade de Évora, 1997, pag. 89

NASIO, Juan-David. **A dor de amar**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

CARUSO, Igor A. **A separação dos amantes**: uma fenomenologia da morte. Tradução de João Silvério Trevisan. São Paulo: Diadorim: Cortez, 1989.

ESPANCA, Florbela. **Sonetos** – 3ª ed. – São Paulo: Martin Claret, 2014. – (Coleção a obra prima de cada autor; 115)

ESPANCA, Florbela. **Antologia poética de Florbela Espanca**. São Paulo: Martin Claret, 2015. – (Edição Especial)